

O CURRÍCULO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE¹

Autor (1); Co-autora (2); Orientadora (3)

Francisco Rokes Sousa Leite (1)

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e professor da área da educação do Instituto Federal de Educação do Maranhão, Campus Santa Inês, E-Mail: roke@ifma.edu.br

Caroliny Santos Lima (2)

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e professora da rede municipal de ensino de São Luís-MA, E-Mail: E-mail: karol.lay@hotmail.com

Rita de Cássia Oliveira (3)

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-Mail: rcoliveira30@yahoo.com.br

Resumo

Apresenta-se uma reflexão pós-crítica do currículo de Filosofia no Ensino Médio, no Instituto Federal de Educação do Maranhão (IFMA) – Campus Santa Inês, relacionando fundamentos teóricos, metodológicos, filosóficos às atividades pedagógicas do professor. Pesquisou-se sobre o currículo de Filosofia integrado à educação profissional numa visão pós-crítica. A intenção foi saber em que sentido o currículo de Filosofia é trabalhado para formar cidadãos-trabalhadores emancipados, críticos e reflexivos, associado às concepções pós-críticas. A pesquisa demarcou o campo exploratório do currículo escolar referente aos conteúdos, prática docente e avaliação da aprendizagem como núcleos centrais da investigação. Entrelaçou-se tais aspectos pedagógico-curriculares à abordagem dialética da educação, conforme indicado por Gadotti (1983). Os resultados demonstraram que existe um trabalho pedagógico propício à formação de cidadãos-trabalhadores emancipados. Todavia, os conteúdos semânticos referentes a identidade, subjetividade, representação social, relações étnico-raciais, gênero, sexualidade e multiculturalismo ainda se encontram esmaecidos de significados e interpretações epistemológicas e filosóficas.

Palavras-chave: Currículo. Filosofia. Educação profissional.

1 Introdução

A justificativa para investigar sobre currículo e Filosofia na escola profissionalizante está tangenciada por profundas mudanças no chamado mundo pós-industrial ou pós-moderno, aliás, no currículo pós-crítico. Daí emergem o ensejo em estudar os significados dos pressupostos curriculares, dos conteúdos, da prática docente e da avaliação da aprendizagem de Filosofia no Ensino Médio profissionalizante. O objetivo principal foi refletir sobre o currículo de Filosofia no Ensino Médio, no Instituto Federal de Educação do Maranhão (IFMA) – Campus Santa Inês, relacionando-o à perspectiva pós-crítica do currículo, dos conteúdos, da prática docente e da avaliação da aprendizagem. Os objetivos específicos iniciaram em identificar o currículo de Filosofia como elemento planejado para qualificar o estudante profissionalmente e formá-lo na

¹Esta pesquisa faz parte do desenvolvimento da dissertação de Mestrado Profissional, no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), ofertado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

intenção de exercer a cidadania; analisar os conteúdos de Filosofia como conhecimentos humanísticos, técnicos e tecnológicos integradores e indispensáveis à educação filosófica; debater a prática docente como oportunidade de ensinar Filosofia contextualizando temas como identidade, subjetividade, representação social, relações étnico-raciais, gênero, sexualidade e multiculturalismo; faz pensar sobre sua existência, papel social; e discutir a avaliação da aprendizagem como componente didático eminentemente filosófico qualitativo, dialético e pós-crítico.

2 Revisão de Literatura

O referencial filosófico para analisar o currículo escolar consoante com a formação de cidadãos-trabalhadores emancipados, críticos e reflexivos abarcou Rocha (2008); Kohan (2009); Gallo (2012; 2015). Segundo Rocha (2008) o currículo de Filosofia, pela natureza histórica da disciplina, visa a realidade como um todo. Para Kohan (2009) o verdadeiro político, mestre e sábio é o professor de Filosofia. Gallo (2012) categoriza a filosofia como atividade de criação de conceitos, sem esquecer de refletir as referências teóricas implícitas. A literatura especializada atinente às teorias curriculares pós-críticas incluíram Sacristán (2000), Santomé (1998), Silva (2009), e Pacheco (2001). Todos vislumbram um currículo alusivo à identidade, subjetividade, representação social, relações étnico-raciais, gênero, sexualidade e multiculturalismo. Não é unilateral, hegemônico, linear e homogeneizador um currículo com concepção de integralidade (SACRISTÁN 2000). Para estudar políticas educativas, instituições escolares e os currículos que as planificam é necessário contemplá-las [analisá-los] para além dos estreitos limites da sala de aula SANTOMÉ (1998). Na escola, às vezes, aprende-se valores, atitudes, comportamentos, questões de gênero, concepções de raça e assuntos de sexualidade sem uma reflexão (SILVA, 2009). O currículo pode ser elemento de transformações e de construções de identidades (PACHECO, 2001). A base metodológica para a construção desta pesquisa quanto ao método de abordagem foi dialética. Gadotti (1983) assevera que a educação hoje tem um confronto entre a concepção dialética e a concepção metafísica (essencialista). O método de procedimento utilizado foi a Pesquisa-Ação, tal método contribui para a discussão ou fazendo avançar o debate acerca das questões abordadas na pesquisa científica (THIOLLENT, 2002).

3 Resultados e Discussões

A pesquisa de campo foi realizada nos cursos técnicos de Nível Médio, no primeiro semestre letivo do ano de 2016, com duração de três meses. Os sujeitos da pesquisa foram três professores de filosofia indicados aqui por “A”, “B”, “C”. As entrevistas e observações e intervenções pedagógicas, focalizaram o currículo, conteúdos, prática docente e avaliação da aprendizagem no IFMA, Campus Santa Inês. Não se tratou de uma simples coleta de dados, a ação do pesquisador foi intervir com observações, entrevistas e intercessões com professores atuando, numa condição participativa das atividades. Influenciando nos problemas do currículo, conteúdos de aulas, metodologias, práticas e avaliação da aprendizagem. Isso aumentou o conhecimento do pesquisador e dos pesquisados, dando ensejo a avanços e debates das questões abordadas.

Tabela 1 – Entrevistas e observações delimitadas referente ao currículo

PERGUNTA	RESPOSTAS
O currículo é planejado e pensado tendo em vista a preparação para o mercado de trabalho e a formação para o exercício da cidadania?	Planejar significa pensar no sujeito que queremos formar, portanto, numa relação entre essas duas vertentes: mercado e cidadania. (Professor A) O currículo carrega todo um filtro político-administrativo/governo; escolar/gestor; equipe pedagógica; e do professor dentro de sala. (Professor B) As duas tendências carregam valorizações de uma perspectiva da educação profissional. Não vejo como separá-las. (Professor C)

Fonte: F.R.S. Leite.

As respostas dos professores simularam elementos da dialética e posições do currículo escolar coerentes com as transformações sociais, políticas e econômicas. Ainda que de forma diversa, o currículo conjectura a ordem capitalista que os docentes de Filosofia lutam para não se consolidar sem interagir com o currículo pós-crítico. O pensar filosófico é o principal norteador do currículo KOHAN (2009). Ou seja, ajuda o educador a refletir a relação dialética entre quem aprende e ensina, entre formação crítica para atuar no mundo do trabalho e autonomia para exercer a cidadania. Atender os anseios do mercado de trabalho e a formação para o exercício da cidadania são tendências conhecidas no espaço curricular, seguramente por isso os *padrões de flexibilização curricular* apresentam-se na tabela acima. Transparece a visão docente da relação dialética entre demandas sociedade capitalista e currículo de Filosofia. Gadotti (1983) na obra “Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório”, auxilia a refletir sobre esta espécie de *padrão curricular*. Para o autor, o desenvolvimento social e do homem ocorre, sob a égide do capitalismo,

contudo, hoje é uma exploração mais civilizatória, superior, com relação as anteriores. O currículo no âmbito de determinação político e macro-organizativo inclui as orientações de ensino geral de uma rede ou sistema (SACRISTÁN, 2000).

Tabela 2 – Entrevistas e observações delineadas com docentes referentes aos conteúdos

PERGUNTA	RESPOSTAS
Os conteúdos escolares são baseados nos conhecimentos técnico e tecnológico necessários ao trabalho do sistema produtivo e educação filosófica?	Os conteúdos são baseados nas possíveis mudanças que podem causar na vida dos estudantes. (Professor A) Trabalho os conteúdos consoantes aos procedimentos filosóficos, logo, associados aos aspectos técnicos e tecnológicos. Muita coisa depende dos estudantes [...] seus conhecimentos prévios. (Professor B) Organizar os conteúdos é imergir nas transformações sociais, políticas e econômicas que passava o país. É ainda esquematizá-los de forma diversa, sem adaptar a escola e o currículo à ordem capitalista. (Professor C)

Fonte: F.R.S. Leite.

Nas respostas referentes à seleção dos **conteúdos** observa-se uma *virtude* pedagógica docente que, nem sempre há obediência aos fundamentos teóricos, metodológicos, filosóficos e atividades pedagógicas provocadas e contidas no material didático oficial (Livro de Filosofia – Fundamentos da Filosofia, de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes - 2015). Pondera-se que é uma atitude benéfica aos discentes, ao passo que o currículo de Filosofia não se atrela e nem se resume à legislação das políticas educacionais de livros didáticos. Tais habilidades estão subjacentes aos objetivos do currículo de Filosofia numa perspectiva pós-crítica. Kohan (2009), na obra “Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar” afirma que é necessário valorizar o “jogo dialético”, o qual é simétrico, mas também assimétrico. Isto é, explícito a impossibilidade de o docente dar um único sentido ao currículo de Filosofia e sua prática.

Tabela 3 – Entrevistas e observações delineadas referente à prática docente

PERGUNTA	RESPOSTAS
Na prática docente os conhecimentos técnicos, científicos, sociais, culturais, políticos e econômicos, visam à formação de um profissional com autonomia para pensar sobre sua existência, sobre seu papel social, em condições de agir no sentido de transformação de si e da sociedade?	A prática é dinâmica e espaço de construção de identidades e subjetividades sociais, produzidas por uma complexa rede de relações, contextos socioeconômicos, históricos e culturais. (Professor A) A aula é sobretudo questionamentos! Desenvolvo o método capaz de potencializar a discursão e didática que privilegie o pensamento. (Professor B) Os procedimentos metodológicos são próprios, isto é, buscase provocar questionamentos explicitamente filosóficos. (Professor C)

Fonte: F.R.S. Leite.

Ao analisar as respostas sobre a **prática docente**, relacionando-o ao desenvolvimento do currículo de Filosofia pós-crítico, depreendeu-se que tanto o currículo como a filosofia são

espaços de construção do pensamento e possibilidade de interdisciplinaridade com e entre as demais disciplinas. Tal procedência pedagógica coaduna-se com a concepção de prática curricular defendida por Santomé (1998), onde a ação docente pode ser trabalhada a partir de temáticas; da correlação com as demais disciplinas; e de maneira integrada à vida prática. É evidente a tentativa de extensão, ligação, correlação e associação dos conteúdos filosóficos com as demais matérias na tabela 3. A interdisciplinaridade com a prática filosófica, científica e social contribuem para a compreensão da cidadania (BRASIL, 2012). O currículo de Filosofia é um instrumento pedagógico que proporciona condições de compreensão da cidadania. Logo, é gerador de conhecimentos técnicos, científicos, sociais, culturais, políticos e críticos capazes de colaborar com ação no sentido de transformar a si e a sociedade.

Tabela 4 – Entrevistas e observações delineadas referente à avaliação

PERGUNTA	RESPOSTAS
Avaliação da aprendizagem do componente curricular Filosofia tem marca qualitativa e dialética?	Sem dúvida... É nessa hora que se diagnostica se os objetivos foram alcançados. As experiências educacionais e filosóficas devem ser dialéticas e construtivas. (Professor A) Medir a aprendizagem não é o foco na disciplina Filosofia. Tem com aspiração a capacidade de pensar sobre as questões e respostas emitidas pelos interlocutores. É o diagnóstico do pensamento lógico, sem um racionalismo exacerbado. (Professor B) Eu mais solicito que eu seja avaliado do que avalio. (Professor C)

Fonte: F.R.S. Leite.

Quando o “professor A” diz que “as experiências educacionais e filosóficas devem ser dialéticas e construtivas” está corroborando com Cerletti (2009), ao adjudicar que ensinar e aprender filosofia é um problema filosófico. Isto é, não se reduz a aplicação de avaliações ou desenvolvimento de estratégias didáticas que tentam facilitar a atividade docente. A concepção essencialista da educação, ao longo da história, impedia que os homens cedessem à tentação de querer mudar o regime social vigente KONDER (2008). Ou seja, a concepção curricular do componente Filosofia não dialético de certa forma impede a mudança. Não obstante, estar superando-se esses conceitos e práticas quando se ver que o foco da avaliação escolar “É o diagnóstico do pensamento lógico, sem um racionalismo exacerbado” (professor B). Ao passo que o “professor C” afirma “Eu mais solicito que eu seja avaliado do que avalio” deixa transluzir que a avaliação fidedigna a seus propósitos - constatar a aprendizagem - integra ações pedagógicas de justaposição de conteúdos e procedimentos avaliativos, com uma fundamentação lógica filosófica e dialética.

4 Conclusão

O currículo escolar no Ensino Médio profissionalizante apresenta-se como movimento dialético de criação, num processo complexo de atores sociais multiculturais, com expressões idiossincráticas de identidade, subjetividade, representação social, relações étnico-raciais, gênero e sexualidade, contudo esses assuntos ainda se encontram esmaecidos de significados e interpretações epistemológicas e filosóficas. O currículo de Filosofia não pode prescindir da reflexão sistemática dos grandes temas filosóficos relacionados à vida cotidiana dos estudantes, tampouco prescindi os procedimentos dialéticos de ensinar e aprender filosofia. Não é utópico pensar num currículo sem produzir desemprego, pobreza e exclusão social, nem signifique um *apartheid* entre formação profissional e formação de cidadãos-trabalhadores emancipados, críticos e reflexivos,

Referências

- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 6 de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Ministério da Educação. Brasília, DF, 21 de set. de 2012, Seção 1, p. 22.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Saraiva. 2015.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- GALLO, **Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o Ensino Médio**. Campinas-SP, Papirus, 2012.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos)
- PACHECO, **Currículo: teoria e práxis**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.
- ROCHA. Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e currículo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- SACRISTÁN, Gime no José. **O currículo uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOMÉ, Junjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.